

ANÁLISE DA GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO E A SOBREVIVÊNCIA DAS MICROEMPRESAS

ANALYSIS OF WORKING CAPITAL MANAGEMENT AND SURVIVAL OF MICRO ENTERPRISES

Rafael Pessin¹

Aline Nast Lima de Lemos²

RESUMO

Apesar da relevância da gestão do capital de giro para o equilíbrio financeiro, são escassas as pesquisas que relacionam suas práticas com a sobrevivência empresarial. Este estudo analisou a utilização de ferramentas de administração do capital de giro e a sobrevivência das microempresas do Vale do Rio dos Sinos e Vale do Caí. Foram analisadas as práticas de gestão de 1.000 microempresas e os resultados mostram haver uma ineficaz gestão do capital de giro. No entanto, não há evidências para associar unicamente a utilização das ferramentas de capital de giro à sobrevivência das microempresas.

Palavras-chave: Capital de giro. Microempresas. Sobrevivência.

ABSTRACT

Despite the relevance of working capital management for financial stability, there is a lack of research linking their practices to business survival. This study analyzed the correlation between the use of working capital management tools and survival of micro enterprises at Vale dos Sinos and Vale do Caí. It was analyzed 1,000 micro enterprises management practices and the results show that there is an ineffective management of working capital. However, there is no strong relationships to uniquely associate the use of working capital tools to the survival of small businesses.

Keywords: Working capital. Microenterprises. Survival.

1 INTRODUÇÃO

As Micro e Pequenas Empresas (MPEs) têm impacto expressivo no desenvolvimento do país. (SEBRAE, 2013a). Entretanto, fatores econômicos e mercadológicos, associados à má gestão do capital de giro colocam em risco a sua sobrevivência. (SEBRAE, 2007). Efetivamente, uma gestão inadequada resulta em problemas de liquidez e contribui para a formação de uma situação de insolvência. Neste contexto, torna-se essencial que as MPEs aprimorem a gestão financeira de curto prazo, visando sua permanência no mercado.

¹ Fundação Getúlio Vargas. E-mail: rafaelpessin@outlook.com

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: alinelima@feevale.br

Estudos nacionais e internacionais (PALOMBINI; NAKAMURA, 2012; MONGRUT *et al.*, 2014; PANIGRAHI, 2014) reforçam essa compreensão ao suportar que a falta de habilidade gerencial em planejar e controlar o capital de giro, a falta de clareza sobre seus componentes e a falta de entendimento sobre os seus impactos na liquidez e na rentabilidade conduzem a uma situação de insolvência seguida de falência. Os autores sugerem que muitos negócios encerraram suas atividades devido à incapacidade dos gestores em planejar e controlar os ativos e passivos circulantes.

Em face dessas observações abre-se uma lacuna para a compreensão deste fato. Mais do que descrever o perfil das empresas e as práticas de gestão do capital de giro das MPEs brasileiras isoladamente, torna-se relevante investigar as suas relações com a sobrevivência. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar as práticas de gestão do capital de giro e a sobrevivência das microempresas do Vale do Rio dos Sinos e Vale do Caí.

A relevância da presente pesquisa é destacada em face de duas frentes principais: a) relativa escassez de publicações acadêmicas brasileiras sobre finanças de curto prazo em microempresas. Buscas nas bases de dados da Capes, EBSCOHost e *Web of Science* a partir do termo “gestão do capital de giro”, apontam a publicação de apenas nove estudos nacionais relacionados ao tema entre 2006 e 2015 e; b) novo enfoque ao analisar a adoção das práticas de gestão do capital de giro em microempresas sob diferentes condições de sobrevivência. Tradicionalmente, os estudos nacionais são realizados sob uma perspectiva descritiva, evidenciando apenas as práticas de gestão do capital de giro, bem como suas frequências de utilização (QUINTANA; QUINTANA, 2010; NEITZKE *et al.*, 2011). Posto isto, na sequência é apresentada a base teórica na qual este estudo se fundamenta.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Qualquer que seja a natureza de sua atividade operacional, uma empresa se depara diariamente com decisões de investimentos a efetuar. Nessas decisões, busca-se aplicar recursos no ativo na expectativa de que sejam gerados benefícios econômicos futuros e contribuições, direta ou indiretamente, para o fluxo de caixa da empresa (ASSAF NETO, 2010).

Segundo Vieira (2008), tais decisões são representadas pela destinação de recursos aos estoques e no financiamento dos clientes, de forma a possibilitar o giro dos negócios. O capital de giro tem participação relevante no contexto das decisões financeiras e no desempenho operacional. Uma gestão inadequada resulta em problemas de liquidez, contribuindo para a formação de uma situação de insolvência e, por este motivo, será abordado na sequência.

2.1 ADMINISTRAÇÃO DO CAPITAL DE GIRO

A administração do capital de giro pode ser entendida no contexto decisório das finanças de curto prazo, a qual trata da gestão dos ativos e passivos que compõe os grupos circulantes do balanço patrimonial: ativo circulante e passivo circulante. Tais contas possuem elementos essenciais para a

viabilização das atividades operacionais, tendo o propósito de apoiar o giro dos negócios da organização (VIEIRA, 2008).

Assaf Neto e Silva (2007), sobre o conceito de giro do capital, identificam que este corresponde aos recursos que circulam várias vezes durante o ciclo operacional da empresa, assumindo diversas formas ao longo do seu processo produtivo e comercial. Tem-se como exemplo, o disponível (caixa e equivalentes de caixa) que é aplicado em estoques, para depois assumir a forma de crédito pela venda realizada a prazo, sendo por fim transformado novamente em disponível pela liquidação do respectivo crédito.

García-Teruel e Martínez-Solano (2007) acreditam que os investimentos que as empresas realizam nos ativos circulantes e os recursos de curto prazo representam os principais componentes do balanço patrimonial. Pesquisa realizada pelos autores em uma amostra de 8.872 pequenas e médias empresas espanholas com menos de 250 funcionários entre 1996 e 2002, demonstra que 68,48% do ativo total é representado pelo circulante, enquanto 52,82% do passivo total é representado pelo circulante.

Em face da sua representatividade, percebe-se a relevância da adequada gestão dessas contas. (DELOOF, 2003). A gestão do ativo circulante implica no gerenciamento do caixa, nos níveis de obtenção e concessão de crédito, nos níveis de estoque e de que maneira tais recursos são aplicados no capital de giro. Por outro lado, a gestão do passivo circulante, representado pelos fornecedores, empréstimos e financiamentos, impostos e contribuições, salários a pagar e outras contas a pagar, implica na otimização dos níveis de endividamento e as alternativas e custos de financiamento, de forma a manter um equilíbrio entre rentabilidade e liquidez (MATIAS, 2007).

A investigação sobre a administração do capital de giro tradicionalmente é abordada sob três perspectivas: gestão do caixa e seus equivalentes, gestão de valores a receber e gestão de estoques. O adequado gerenciamento desses componentes permite o equilíbrio financeiro em vista da capacidade de honrar os compromissos financeiros no vencimento, garantindo assim a continuidade das atividades operacionais da empresa.

A gestão do caixa e seus equivalentes visa a manutenção da liquidez imediata da empresa. Envolve o processo de planejamento e controle dos fluxos de entrada e saída de caixa. Por tal conta não gerar nenhum retorno operacional, o saldo segundo Assaf Neto (2010) deveria ser nulo. Entretanto, percebe-se a inviabilidade na prática desta posição, na medida em que a empresa precisa manter certo nível de recursos disponíveis para fazer frente à incerteza associada a seu fluxo de recebimentos e pagamentos.

Matias (2007) acredita ser imprescindível a gestão do caixa mediante a utilização de instrumento de fluxo de caixa. Esta ferramenta é entendida como um conjunto de procedimentos que permite, antecipadamente, avaliar as decisões pertinentes à administração dos recursos, oportunizando ao gestor monitorar o grau de liquidez da empresa. O fluxo de caixa identifica excessos de recursos, que podem ser aplicados, ou escassez de recursos, que demandam captação.

Por sua vez, as contas a receber representam um dos maiores componentes da gestão do capital de giro, sendo responsável por grande parte dos recursos aplicados no ativo circulante. Conforme Ludícibus *et al.* (2010) os recebíveis originam-se no curso normal das operações da empresa pela venda a prazo de mercadorias e serviços, representando um direito a cobrar dos clientes.

Gitman (2010) menciona que as contas a receber são o resultado da concessão de crédito de uma empresa a seus clientes, chegando a formar, conforme Santos, Ferreira e Faria (2009), 29% dos ativos correntes entre microempresas brasileiras. Matias (2007, p.62) conceitua o crédito como “a troca de bens e serviços oferecidos no presente, por uma promessa de recebimento no futuro das compensações financeiras relativas ao fornecimento dos bens e serviços”.

Os autores (GITMAN, 2010; MATIAS, 2007) acreditam que a política de crédito adotada pela empresa influencia o fluxo de caixa e os investimentos necessários em capital de giro. Ao manter recursos em contas a receber, há alterações nas vendas e muitas vezes no perfil do cliente, pressupondo um risco de crédito maior e conseqüentemente um custo maior de cobrança. Percebe-se ainda um impacto no aumento dos investimentos em estoques, visto que maiores vendas sugerem maiores níveis de estoques para acompanhar a demanda. Nesse contexto, um crescimento no volume de contas a receber implica, normalmente, em um crescimento da necessidade de capital de giro. Entretanto, os custos podem se tornar inexpressivos frente ao benefício gerado decorrente do aumento de receita.

Ademais, os estoques representam um dos ativos mais importantes do capital circulante e da posição financeira, representando 44% dos ativos circulantes entre as microempresas brasileiras. (SANTOS; FERREIRA; FARIA, 2009). Os estoques como ativos circulantes, se mostram importantes para a gestão do capital de giro, visto que maiores volumes do ativo frequentemente implicam em maior necessidade de capital de giro, todavia, o baixo volume de estoques tende a prejudicar as vendas (EHRHARDT; BRIGHAM, 2012).

Tal relação é retratada por Silva (2012) que acredita que a influência dos estoques sobre o ciclo financeiro se deve à variação do prazo médio de estocagem (PME). Ou seja, aumentos no volume de estoques, sem um correspondente aumento no volume de vendas, provoca a elevação do PME, o que aumenta o ciclo financeiro da empresa. Devido ao aumento do ciclo financeiro, mais recursos são necessários para financiar as atividades operacionais, aumentando assim, a necessidade de capital de giro.

2.2 ESTUDOS RELACIONADOS

Os estudos acadêmicos sobre capital de giro devem ser considerados desenvolvimentos relevantes para a administração financeira na medida em que as contribuições das pesquisas fornecem evidências empíricas para a efetiva gestão de curto prazo e seus impactos no desempenho das organizações. Neste ínterim, abordam-se alguns trabalhos realizados sobre o tema, os quais se espera que possam contribuir para a discussão posterior dos resultados.

Autores	Período do Estudo	Principais Resultados
Carvalho e Schiozer (2012)	2008 - 2010	As frequências médias de aplicação das rotinas de capital de giro dos dirigentes brasileiros são superiores às dos britânicos, exceto quanto à prática de uso do orçamento de caixa. Os dirigentes brasileiros revelam especial atenção ao controle dos prazos de pagamento e de recebimento, porém não os articulam como integrantes do orçamento de caixa.
Carvalho e Lima (2011)	2009 - 2009	Os resultados apontam que as empresas fazem uso de práticas gerenciais com ordenação intuitiva e baseadas na experiência de cada gestor, no entanto, isso ocorre de forma desordenada e de maneira informal.
Quintana e Quintana (2010)	2010 - 2010	As microempresas tendem a realizar a ferramenta de diário de caixa bem como as ferramentas de contas a receber, mas parecem não convergir as informações para a elaboração do fluxo de caixa.
Neitzke <i>et al.</i> (2011)	2011 - 2011	A utilização de ferramentas de gestão do CG é presente em parte das empresas pesquisadas. Entretanto, observa-se a utilização isolada, sem convergi-las em um instrumento de gestão para fins decisórios.

Quadro 1 – Estudos relacionados**Fonte: Elaborado pelo autor**

Os estudos relacionados no Quadro 1 evidenciam que as práticas de gestão do capital de giro possuem duas características predominantes. Primeiramente, tendem a ser consideradas simples e informais. (CARVALHO; LIMA, 2011). Por conseguinte, há um predomínio de ferramentas de administração do caixa, bem como controles dos prazos de pagamento e de recebimento. (CARVALHO. SCHIOZER, 2012). A constatação das características denota, entretanto, que apesar de presentes as ferramentas utilizadas tendem a não serem utilizadas para fins gerenciais e decisórios.

3 MÉTODO DE PESQUISA

A presente pesquisa em relação aos seus objetivos é classificada como descritiva, pois visa descrever as características das microempresas, estabelecendo relações entre as variáveis. (GIL, 2008). Quanto aos procedimentos, utiliza a pesquisa bibliográfica e documental. No que tange a abordagem do problema, é classificada como qualitativa com tratamento quantitativo. Qualitativa, quando busca o entendimento das práticas de gestão (utilização das ferramentas de administração do capital de giro); com tratamento quantitativo, quando recorre a procedimentos estatísticos. (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A amostra foi constituída por 1.000 microempresas comerciais ou industriais participantes do Programa Negócio a Negócio (NaN) nas regiões do Vale do Rio dos Sinos e Vale do Caí entre os anos de 2011 e 2014. O Programa NaN é oferecido pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Rio Grande do Sul (SEBRAE/RS) e é executado pela Universidade Feevale nas regiões investigadas nesta pesquisa. O objetivo do programa é a iniciação e o fortalecimento do relacionamento com as microempresas e os empreendedores individuais.

A metodologia do programa prevê a aplicação de Diagnóstico Situacional por Agentes de Orientação Empresarial (AOE) na sede da empresa, complementado por dois encontros de orientação empresarial junto aos gestores, durante dois anos, consecutivos ou não. Ressalta-se que, para composição da amostra, não foram consideradas as empresas do segmento de serviços, na medida em que estas tendem a não ter estoques de bens tangíveis, além dos microempreendedores individuais, os quais apresentam receita anual inferior a R\$ 60.000,00.

As respostas para o grau de utilização das ferramentas do estudo foram coletadas, mediante acesso ao banco de dados do Programa NaN. Entretanto, deve-se compreender que a existência deste banco de dados se deve a pesquisa de campo através de entrevista estruturada realizada por Agentes de Orientação Empresarial na sede da empresa mediante aplicação de Diagnóstico Situacional.

O Diagnóstico Situacional, elaborado pelo SEBRAE/RS, é um formulário estruturado com perguntas fechadas que apresenta um número ímpar de prováveis respostas únicas sendo duas bipolares e uma intermediária. O instrumento abrange 37 questões, divididas em três temas (planejamento, mercado e finanças), preenchido pelos AOE's como forma de obter informações diretamente do gestor através de interrogatório face a face. Para esta pesquisa foram consideradas apenas as perguntas de cunho financeiro, excluindo-se a pergunta relacionada ao Preço de Venda, na medida em que este controle não é entendido no contexto das finanças de curto prazo (MATIAS, 2007; ASSAF NETO, 2010; GITMAN, 2010).

As respostas para a utilização das ferramentas de administração do capital de giro foram tratadas e analisadas conforme o grau de utilização pelos gestores das empresas (sim, parcialmente e não), conforme o Quadro 2. Posteriormente, as respostas foram segmentadas de acordo com a sobrevivência das respectivas empresas: ativa, baixada e geral.

Ferramenta	Questão	Prováveis Respostas	Grau de Utilização	
Controle Diário de Caixa	Sua empresa controla as entradas e saídas de dinheiro?	() Não, apenas no final do dia faço o fechamento do caixa.	Não	0%
		() Tenho um controle informal das entradas e saídas de dinheiro.	Parcialmente	50%
		() Sim, tenho um controle formalizado e detalhado das entradas e saídas de dinheiro.	Sim	100%

Quadro 2 – Pergunta formulário diagnóstico situacional

Fonte: Elaborado pelos autores

A estimativa da sobrevivência das empresas da amostra foi realizada mediante duas metodologias complementares. Primeiramente, buscaram-se as informações do CNPJ no banco de dados oficial da Receita Federal do Brasil. Na sequência, foi realizada consulta sobre o cadastro geral de contribuintes de tributos estaduais no banco de dados oficial da Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul. Ressalta-se que, a situação cadastral de âmbito federal foi considerada prevalente sobre a situação cadastral estadual.

Para apresentar os resultados, foi utilizada a estatística descritiva através das distribuições de frequências absolutas (n) e relativas (%), valores mínimos e máximos, médias aritméticas e seus respectivos desvios-padrão. As comparações entre as distribuições absolutas (n) e relativas (%) foram realizadas através do teste Qui-Quadrado (χ^2). A fórmula considerada para tanto foi:

$$\chi^2 = \sum \frac{(O - E)^2}{E} \quad (1)$$

Salienta-se que todos os procedimentos estatísticos foram executados no software SPSS (Versão 17.0), com nível de significância em $p \leq 0,05$. Finalizada a metodologia do estudo, na próxima seção os dados serão analisados e interpretados. Este tópico contemplará, inicialmente, o perfil da amostra, seguido pela análise descritiva das práticas de gestão do capital de giro.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente estudo contempla a análise das práticas de gestão do capital de giro de 1.000 microempresas das regiões do Vale do Rio dos Sinos e Vale do Caí. Com o propósito de caracterizar a amostra na qual foi inferida a pesquisa, a Tabela 1 apresenta as informações pertinentes à sobrevivência e segmento de atuação das microempresas.

Tabela 1 – Caracterização da amostra: sobrevivência e segmento de atuação

Painel A - Sobrevivência (n=1000).	n	%
Ativas	835	83,5
Baixadas	165	16,5
Total	1000	100,0
Painel B - Segmento de atuação (n=1000).	n	%
Comércio	926	92,6
Indústria	74	7,4
Total	1000	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que na amostra do estudo houve maior proporção de empresas consideradas ativas em comparação às baixadas. Cerca de duas a cada 10 MPEs encerraram suas atividades no período analisado. Apesar de não ser o escopo deste trabalho evidenciar e analisar a taxa de sobrevivência, é relevante compreender que estas características são similares aos encontrados pelo IBGE (2011) e SEBRAE (2007) e, levemente superior aos encontrados pelo SEBRAE (2013a).

Quanto ao segmento de atuação (Painel B), a amostra é caracterizada pela predominância de empresas comerciais. Esta característica vai ao encontro dos achados de outras pesquisas (SEBRAE, 2007; IBGE, 2011; SEBRAE, 2013b) as quais demonstraram o mesmo predomínio de empresas

comerciais em comparação com os demais setores. Ressalta-se, conforme delineado na metodologia, que as empresas de serviços foram excluídas da amostra, não sendo consideradas para esta pesquisa.

De entendimento das principais características da amostra, procurar-se-á evidenciar, na Tabela 2, as ferramentas utilizadas pelas microempresas para a administração do capital de giro mediante estatística descritiva e testes de Qui-Quadrado. As descrições acerca da utilização das ferramentas de administração do capital de giro são retratadas de acordo com a condição de sobrevivência (ativa ou baixada) para uma melhor compreensão quanto às práticas de gestão.

Tabela 2 – Uso de ferramentas de gestão: empresas no geral (n = 1000)

Ferramenta de Gestão	Respostas	Antes		Depois	
		n	%	n	%
Controle de Estoque (p < 0,001)**	Não	176	17,6	90	9,0
	Parcialmente	410	41,0	409	40,9
	Sim	414	41,4	501	50,1
Controle de Vendas (p < 0,001)**	Não	151	15,1	125	12,5
	Parcialmente	392	39,2	347	34,7
	Sim	457	45,7	528	52,8
Contas a Receber (p < 0,001)**	Não	76	7,6	32	3,2
	Parcialmente	289	28,9	286	28,6
	Sim	635	63,5	682	68,2
Controle de Cobrança (p < 0,001)**	Não	85	8,5	43	4,3
	Parcialmente	300	30,0	280	28,0
	Sim	615	61,5	677	67,7
Taxa de Inadimplência (p < 0,001)**	Não	81	8,1	38	3,8
	Parcialmente	296	29,6	275	27,5
	Sim	623	62,3	553	68,7
Diário de Caixa (p < 0,001)**	Não	155	15,5	80	8,0
	Parcialmente	313	31,3	367	36,7
	Sim	532	53,2	553	55,3
Capital de Giro (p < 0,001)**	Não	276	27,6	175	17,5
	Parcialmente	435	43,5	454	45,4
	Sim	289	28,9	371	37,1
Contas a Pagar (p = 0,002)**	Não	110	11,0	60	6,0
	Parcialmente	346	34,6	255	25,5
	Sim	544	54,4	685	68,5
Fluxo de Caixa (p < 0,001)**	Não	224	22,4	165	16,5
	Parcialmente	435	43,5	427	42,7
	Sim	341	34,1	408	40,8

Nota: Teste Qui-Quadrado (χ^2). () significativo $p \leq 0,01$.**

Fonte: Elaborado pelo autor

A Tabela 2 apresenta, primeiramente, os resultados conjuntos das empresas ativas e baixadas para a utilização das ferramentas. O modelo de Qui-Quadrado elaborado para encontrar o valor da dispersão para as variáveis nominais, avaliando a associação existente entre as variáveis qualitativas, mostrou-se significativo ao nível $p \leq 0,01$. Sendo assim, efetivamente houve evolução na aplicação das ferramentas de administração do capital de giro entre o primeiro e o segundo diagnóstico.

Do mesmo modo, para todas as ferramentas observa-se redução no número de empresas com resposta negativa e aumento na frequência de respostas positivas para utilização das ferramentas de gestão entre os diferentes anos de pesquisa, em especial para Capital de Giro, Controle de Estoque e Contas a Pagar. Estes resultados, somados aos testes de Qui-Quadrado, evidenciam o grau de efetividade do Programa NaN para a melhoria da gestão financeira das microempresas, visto que a análise histórica demonstrou evolução nas práticas adotadas.

Individualmente, as ferramentas que receberam maior porcentagem de respostas positivas, após o segundo diagnóstico, foram Taxa de Inadimplência (68,7%), Contas a Pagar (68,5%), Contas a Receber (68,2%) e Controle de Cobrança (67,7%). Percebe-se, neste íterim, a predominância de ferramentas ligadas à gestão de crédito. Resultados semelhantes para a aplicação destas ferramentas, destacando-se a ferramenta de Contas a Receber, foram encontrados em outros estudos. (QUINTANA; QUINTANA, 2010; NEITZKE *et al.*, 2011).

Acredita-se que o foco na gestão de contas a receber pode ser justificado em decorrência do aumento do custo do crédito, representatividade da conta em relação à composição do ativo circulante e devido ao fato da inadimplência ser um dos principais problemas no gerenciamento das microempresas. (SEBRAE, 2007; 2013a; CARVALHO; SCHIOZER, 2012; SANTOS; CARMONA; LEISMANN, 2010). Por outro lado, a atenção dispendida para a aplicação da ferramenta de Contas a Pagar pode ser associada à condição do crédito ser uma importante fonte de recursos para as microempresas (CARVALHO, 2015; VIEIRA *et al.*, 2013).

Por sua vez, as ferramentas que receberam a menor frequência de respostas positivas foram Fluxo de Caixa (40,8%) e Capital de Giro (37,1%). Notadamente, essas mesmas ferramentas apresentaram a maior porcentagem de respostas negativas, 16,5% e 17,5%, respectivamente. Os achados são similares aos evidenciados em outros estudos (QUINTANA; QUINTANA, 2010; NEITZKE *et al.*, 2011; CARVALHO; LIMA, 2011), os suportam que o processo de utilização das ferramentas empresariais, apesar de presente em parte das empresas pesquisadas, não tende a ser realizado de forma a convergir em instrumentos de gestão (fluxo de caixa e controle do capital de giro) para auxílio na tomada de decisão.

Ao analisar apenas as empresas ativas, conforme Tabela 3, percebe-se que o teste de Qui-Quadrado mostrou-se significativo ao nível $p \leq 0,01$ para todas as ferramentas. Similarmente aos resultados encontrados no geral, houve evolução na aplicação das ferramentas de administração do capital de giro entre o primeiro e o segundo diagnóstico. Sendo assim, observa-se redução no número de empresas com resposta negativa e aumento na frequência de respostas afirmativas para utilização das ferramentas de gestão, em especial para Capital de Giro e Controle de Estoque.

Tabela 3 – Uso de ferramentas de gestão: empresas ativas (n = 835)

Ferramenta de Gestão	Respostas	Antes		Depois	
		n	%	n	%
Controle de Estoque (p < 0,001)**	Não	137	16,4	74	8,9
	Parcialmente	349	41,8	341	40,8
	Sim	349	41,8	420	50,3
Controle de Vendas (p < 0,001)**	Não	126	15,1	96	11,5
	Parcialmente	326	39,0	298	35,7
	Sim	383	45,9	441	52,8
Contas a Receber (p < 0,001)**	Não	65	7,8	29	3,5
	Parcialmente	239	28,6	244	29,2
	Sim	531	63,6	562	67,3
Controle de Cobrança (p < 0,001)**	Não	74	8,9	39	4,7
	Parcialmente	253	30,3	236	28,3
	Sim	508	60,8	560	67,1
Taxa de Inadimplência (p < 0,001)**	Não	68	8,1	33	4,0
	Parcialmente	253	30,3	237	28,4
	Sim	514	61,6	565	67,6
Diário de Caixa (p < 0,001)**	Não	129	15,4	69	8,3
	Parcialmente	262	31,4	299	35,8
	Sim	444	53,2	467	55,9
Capital de Giro (p < 0,001)**	Não	227	27,2	136	16,3
	Parcialmente	352	42,2	375	44,9
	Sim	256	30,7	324	38,8
Contas a Pagar (p = 0,001)**	Não	86	10,3	50	6,0
	Parcialmente	283	33,9	211	25,3
	Sim	466	55,8	574	68,7
Fluxo de Caixa (p < 0,001)**	Não	174	20,8	134	16,0
	Parcialmente	370	44,3	357	42,8
	Sim	291	34,9	344	41,2

Nota: Teste Qui-Quadrado (χ^2). (**) significativo $p \leq 0,01$.

Fonte: Elaborado pelo autor

Individualmente, as ferramentas que receberam maior porcentagem de respostas afirmativas, após o segundo diagnóstico, foram Contas a Pagar (68,7%), Taxa de Inadimplência (67,6%), Contas a Receber (67,3%) e Controle de Cobrança (67,1%). Nas empresas ativas, a preocupação com o controle dos créditos comerciais adquiridos foi levemente superior à atenção dispendida a gestão de recebíveis de clientes. Por outro lado, as ferramentas que receberam a menor frequência de respostas positivas foram Fluxo de Caixa (41,2%) e Capital de Giro (38,8%). As mesmas ferramentas apresentaram a maior porcentagem de respostas negativas, 16,0% e 16,3%, respectivamente.

Sendo assim, novamente foram encontrados indícios que corroboram as pesquisas antecedentes (QUINTANA; QUINTANA, 2010; NEITZKE *et al.*, 2011; CARVALHO; LIMA, 2011) no que tange a não utilização das ferramentas de administração do capital de giro para fins gerenciais e decisórios. As ferramentas tendem a ser utilizadas de forma isoladas não convergindo para a elaboração de instrumentos de gestão que possibilitem a redução da incerteza decorrente da ausência de referenciais quantitativos (SILVA, 2012).

Tabela 4 – Uso de ferramentas de gestão: empresas baixadas (n = 165)

Ferramenta de Gestão	Respostas	Antes		Depois	
		n	%	n	%
Controle de Estoque (p = 0,001)**	Não	39	23,6	16	9,7
	Parcialmente	61	37,0	68	41,2
	Sim	65	39,4	81	49,1
Controle de Vendas (p = 0,021)*	Não	25	15,2	29	17,6
	Parcialmente	66	40,0	49	29,7
	Sim	74	44,8	87	52,7
Contas a Receber (p = 0,526)	Não	11	6,7	3	1,8
	Parcialmente	50	30,3	42	25,5
	Sim	104	63,0	120	72,7
Controle de Cobrança (p = 0,025)*	Não	11	6,7	4	2,4
	Parcialmente	47	28,5	44	26,7
	Sim	107	64,8	117	70,9
Taxa de Inadimplência (p < 0,001)**	Não	13	7,9	5	3,0
	Parcialmente	43	26,1	38	23,0
	Sim	109	66,1	122	74,0
Diário de Caixa (p = 0,001)**	Não	26	15,8	11	6,7
	Parcialmente	51	30,9	68	41,2
	Sim	88	53,3	86	52,1
Capital de Giro (p < 0,001)**	Não	49	29,7	39	23,6
	Parcialmente	83	50,3	79	47,9
	Sim	33	20,0	47	28,5
Contas a Pagar (p = 0,007)**	Não	24	14,5	10	6,1
	Parcialmente	63	38,2	44	26,7
	Sim	78	47,3	111	67,0
Fluxo de Caixa (p = 0,011)*	Não	50	30,3	31	18,8
	Parcialmente	65	39,4	70	42,4
	Sim	50	30,3	64	38,8

Nota: Teste Qui-Quadrado (χ^2). (*) significativo $p \leq 0,05$; (**) significativo $p \leq 0,01$.

Fonte: Elaborado pelo autor

No tocante a análise das empresas baixadas, percebe-se que o teste estatístico de Qui-Quadrado mostrou-se significativo ($p \leq 0,01$) para as ferramentas de Controle de Estoque, Taxa de Inadimplência, Diário de Caixa, Capital de Giro e Contas Pagar. Para o nível de significância a 95%, observam-se as ferramentas de Controle de Vendas, Controle de Cobrança e Fluxo de Caixa. O resultado para Contas a Receber foi de $p = 0,526$, não demonstrando significância.

A evolução histórica denota para todas as ferramentas, com exceção do Diário de Caixa e do Controle de Vendas, redução no número de empresas com resposta negativa e aumento na frequência de respostas afirmativas para utilização das ferramentas de gestão, em especial para Capital de Giro, Controle de Estoque e Contas a Pagar. A ferramenta de controle do caixa teve redução na frequência de respostas negativas, tendo uma aparente migração para a utilização parcial, todavia, a porcentagem de respostas afirmativas declinou. A ferramenta de Controle de Vendas, por sua vez, apresentou aumento no número de respostas afirmativas, mas também aumentou o número de empresas que não a utilizam.

Individualmente, as ferramentas que receberam maior porcentagem de respostas afirmativas, após o segundo diagnóstico, foram Taxa de Inadimplência (74,0%), Contas a Receber (72,7%) e Controle de Cobrança (70,9%). Diferentemente das empresas abertas, houve predominância apenas das ferramentas ligadas à gestão de recebíveis. Percebe-se, neste sentido, uma tendência de maior preocupação com o controle dos valores a receber em empresas baixadas em comparação com as empresas ativas.

Kanitz (1978) acredita que as empresas insolventes tendem a conceder excessivamente o crédito comercial. Na maioria delas, juntamente com os estoques, as contas a receber de clientes são os itens de maior representatividade no ativo circulante. Todavia, a diferença das empresas solventes e insolventes pode ser explicada pelo grau de contribuição do capital próprio para financiar estes ativos, no prazo médio de recebimento e na proporção dos valores a receber sobre o ativo total. Nas empresas sólidas, o capital próprio contribui de forma relevante para o financiamento, o prazo médio de recebimento é reduzido e a parcela de valores a receber é menor em relação as empresas insolventes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as práticas de gestão do capital de giro e a sobrevivência das microempresas do Vale do Rio dos Sinos e Vale do Café. Inicialmente foi apresentada a base teórica na qual este estudo se fundamenta, para então, na sequência apresentar a análise e interpretação dos dados coletados.

Os resultados demonstraram evolução significativa na aplicação das ferramentas de administração do capital de giro entre o primeiro e o segundo ano de pesquisa, tanto para as empresas ativas quanto para as baixadas. Dentro do escopo do trabalho, os resultados evidenciaram o grau de efetividade do Programa NaN para a melhoria da gestão financeira das microempresas atendidas.

Não obstante, os resultados ainda sugerem haver mínimos indícios de uma gestão mais eficaz do capital de giro entre as empresas ativas em comparação as baixadas. Entretanto, não há evidências fortes o suficiente para associar unicamente a adoção de práticas de gestão do capital de giro à sobrevivência das microempresas analisadas. Em outras palavras, para pesquisa, a maior ou menor aderência às práticas de gestão não é relacionada à maior ou menor sobrevivência das microempresas.

Acredita-se que as discussões apresentadas neste trabalho ofereçam oportunidades e sugestões para futuras investigações sobre a temática, a saber: a) replicação do estudo em outras regiões e estados; b) aplicação de métodos qualitativos em parte da amostra para aprofundamento do problema de pesquisa; c) pesquisas incluindo outras variáveis além daquelas consideradas neste estudo.

Por fim, o presente estudo não pretendeu esgotar o assunto sobre as práticas de gestão das microempresas, mas buscou fornecer uma nova visão sobre a temática a partir das suas relações com a sobrevivência. Espera-se que a mesma tenha contribuído para a construção do conhecimento e seja indutora de novas investigações que possibilitem o desenvolvimento acadêmico sobre a gestão das MPEs brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- ASSAF NETO, A; SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro**. São Paulo, SP: Atlas, 2007.
- CARVALHO, C. J. Como a gestão de práticas de oferta de crédito impacta a de estoque. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, RJ, v. 19, n. 1, p. 77-97, 2015.
- CARVALHO, C. J; SCHIOZER, R. F. Gestão de capital de giro: um estudo comparativo entre práticas de empresas brasileiras e britânicas. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 4, p. 518-543, 2012.
- CARVALHO, J. R. M; LIMA, M, D. Práticas gerenciais em MPE's do comércio de confecções da Cidade de Sousa – PB. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Brasília, DF, v. 5, n. 3, p. 48-68, 2011.
- DELOOF, M. Does working capital management affect profitability of belgian firms? **Journal of Business Finance and Accounting**, Estados Unidos, v. 30, n. 4, p. 573-587, 2003.
- EHRHARDT, M. C; BRIGHAM, E. F. **Administração financeira**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2012.
- GARCÍA-TERUEL, P. J.; MARTÍNEZ-SOLANO, P. Effects of working capital management on SME profitability. **International Journal of Managerial Finance**, Espanha, v. 3, n. 2, p. 164-177, 2007.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.
- GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. São Paulo, SP: Pearson, 2010.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Demografia das empresas**. 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- IUDÍCIBUS, S. *et al.* **Manual de contabilidade societária**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- KANITZ, S.C. **Como prever falências**. São Paulo, SP: McGraw Hill, 1978.
- MATIAS, A. B. **Finanças corporativas de curto prazo**. São Paulo, SP: Atlas, 2007.
- MONGRUT, S. *et al.* Determinants of working capital management in latin american companies. **Revista Innovar Journal**, Mexico, v. 24, n.1, p. 5-8, 2014.
- NEITZKE, A. C. A. *et al.* Gestão do capital de giro: uma análise em micro e pequenas empresas. **Revista ADMpg Gestão Estratégica**, Ponta Grossa, PR, v. 4, n. 1, p. 117-122, 2011.
- PALOMBINI, N. V. N; NAKAMURA, W. T. Key factors in working capital management in the brazilian market. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, SP, v. 52, n. 1, p. 55-69, 2012.
- PANIGRAHI, A.K. Relationship of working capital with liquidity, profitability and solvency: a case study of ACC Limited. **Asian Journal of Management Research**, India, v.4, n. 2, p. 308-322, 2014.
- PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale. 2013.
- QUINTANA, A. C; QUINTANA, C. G. A extensão universitária como instrumento de transferência de conhecimento para os microempresários: Um foco na gestão financeira. In: Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria em América del Sur, 10.,2010. **Anais...** Rio Grande, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SANTOS, K. F.; CARMONA, C. U.; LEISMANN, E. L. Gerenciamento do risco de crédito em micro e pequenas empresas: recortes teórico-empíricos. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, SP, v. 4, n. 1, p. 83-95, 2010.

SANTOS, L. M. FERREIRA, M. A. M.; FARIA, E. R. Gestão financeira de curto prazo: características, instrumentos e práticas adotadas por micro e pequenas empresas. **Revista de Administração da UNIMEP**, Piracicaba, SP, v. 7, n.3, p. 70-92, 2009.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade das MPE**. Porto Alegre, RS: Sebrae, 2007.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sobrevivência das Empresas no Brasil**. Brasília, DF: Sebrae, 2013a.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa**. Brasília, DF: Sebrae, 2013b.

SILVA, J. P. **Análise financeira das empresas**. São Paulo, SP: Atlas, 2012.

VIEIRA, E. S. *et al.* A concessão de crédito comercial e o financiamento dos clientes: evidência nas empresas portuguesas. **Revista Universo Contábil**, Blumenau, SC, v. 9, n. 4, p. 144-156, 2013.

VIEIRA, M. V. **Administração Estratégica do Capital de Giro**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.